

## AGRAMATISMO E PROCESSAMENTO NORMAL DA LINGUAGEM

ROSANA DO CARMO NOVAES PINTO  
(IEL/UNICAMP)

### I. INTRODUÇÃO

O agramatismo é um dos fenômenos mais estudados dentre os distúrbios afásicos e, apesar de os autores concordarem quanto a um determinado grupo de sintomas co-ocorrentes, com uma constelação semiológica que o define como uma síndrome, discordam quanto a questões centrais, por exemplo o fato de tratar-se de um distúrbio de produção ou de envolver também problemas de compreensão.

Segundo Menn & Obler (1990) uma das causas que leva à variação na descrição do fenômeno é a de que as teorias são formuladas segundo diferentes interesses ou pontos de vista. O fenômeno pode ser descrito, por exemplo, como um déficit de “conhecimento lingüístico” ou de “processamento lingüístico”. Se for concebido como déficit dos níveis lingüísticos, pode ser visto como o distúrbio de um nível específico ou como um distúrbio da articulação deste nível com os demais. Se for concebido como um déficit de processamento, um único estágio pode estar envolvido ou a interação destes estágios. Finalmente, as teorias variam no escopo, ou seja, no conjunto de sintomas que pretendem explicar. A maioria destes autores acredita que o estudo desta categoria clínica seja fundamental para a compreensão de muitos aspectos do processamento normal da linguagem. Outros, entretanto, após constatarem grande variação individual no padrão de co-ocorrência de sintomas (ou de itens semiológicos que compõem a síndrome), no padrão de realização de morfemas flexionais e funcionais, concluem que nem o agramatismo e, conseqüentemente, nenhuma outra categoria clínica pode servir de base para o estudo do processamento normal da linguagem (Miceli, G. et al., 1989; Badecker, W. & Caramazza 1985).

O principal objetivo do trabalho que desenvolvo desde 1988 é o de verificar como a metodologia utilizada nos estudos neuropsicológicos, essencialmente quantitativa e que consiste na aplicação de testes metalingüísticos, influencia na classificação das afasias. Essa metodologia é também, a meu ver, parcialmente responsável pelas variações observadas nos estudos mencionados acima.

A partir dos resultados obtidos com a aplicação de um teste de julgamento de gramaticalidade,<sup>1</sup> procuro demonstrar, além da limitação dos testes padrão, como os estudos longitudinais possibilitam uma melhor compreensão dos fenômenos afásicos e também como as análises qualitativas podem iluminar os estudos sobre o processamento normal da linguagem.

## II. CARACTERIZAÇÃO DO AGRAMATISMO NA LITERATURA

Segundo Goodglass & Menn (1985) o agramatismo foi inicialmente descrito por Deleuze, em 1819, como uma característica marcante na fala de certos pacientes afásicos. As descrições apresentadas desde os trabalhos de Pitres, em 1898, até os mais recentes como os de Luria, 1970, e os de Tissot, Mounin & Lhermitte, 1973, definem suas características em termos de mudanças na estrutura lingüística de “produção”. Tissot et al. (1973) assim define o conjunto de “sintomas” da fala agramática:

- . o apagamento de palavras funcionais no discurso, isto é, o apagamento de conjunções, preposições, artigos, pronomes, verbos auxiliares e cópulas (com exceção das conjunções “and” e “because”).

- . a predominância de substantivos, em detrimento dos verbos, em algumas falas agramáticas

- . a perda de flexão verbal, que é substituída pela forma nominal do verbo

- . a perda de concordância de pessoa, número e gênero, mais notadamente em línguas flexionais

As análises iniciais de dados de agramatismo não colocaram muitos problemas para as definições clássicas. Goodglass & Menn (1985) afirmam que “*o Inglês tem poucas flexões nominais e verbais; a perda de morfemas presos é menos evidente. Além do mais, os verbos em Inglês não tem marcas de terminação no infinitivo*”, dentre outras características. A partir do trabalho de Grodzinky (1984), com dados de hebraico e de estudos em outras línguas, verifica-se que as flexões verbais e outros morfemas presos e livres, ao contrário do que afirmavam os primeiros estudos, não estavam “perdidos” mas eram “mal-selecionados” pelo agramático.

Em um estudo mais recente, Nespoulous & Dordain, (1993), fazem uma síntese das principais correntes de estudo que apresentam o agramatismo como uma “alteração da produção lingüística particularmente evidenciada na linguagem conversacional e narrativa dos pacientes com afasia de Broca”, citando os estudos de Lecours, Lhermitte e col. (1979) e afirmam que “a maioria dos autores está de acordo quanto a um aspecto semiológico: ausência de alteração de compreensão nestes indivíduos”. Entretanto, trabalhos de Zurif, Camarazza e Myerson (1972) começam a detectar a presença de um déficit de compreensão “paralelo” àquele observado na produção de frases, uma dificuldade tanto para compreender as estruturas sintáticas quanto para produzi-las. Sendo assim, levanta-se a hipótese da existência de um déficit gramatical *central* nestes

---

<sup>1</sup> O teste de Julgamento de Gramaticalidade de Linebarger et al. (1983) foi adaptado ao Português por mim, e aplicado aos sujeitos P e EF. Este estudo faz parte de minha dissertação de Mestrado: “Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem” (1992) IEL - UNICAMP,

pacientes. Uma terceira corrente de trabalhos, ainda segundo Nespoulos & Dordain, tentou colocar a hipótese acima à prova, buscando pacientes com agramatismo nos quais se pudesse evidenciar uma dissociação entre sua produção de frases, diminuída, e sua compreensão de frases, intacta (Miceli e col., 1982).

Nespoulos & Dordain apresentam uma síntese de quais seriam, atualmente, as questões essenciais do estudo do agramatismo, que resumo a seguir:

. Seria o agramatismo um déficit *central*, que compromete de igual forma a produção e a compreensão, de um dos componentes da gramática da língua falada pelo paciente ou trata-se de um déficit *seletivo* que só afeta o bom funcionamento de um ou outro componente (produção mais do que compreensão?).

. Qual o componente da gramática que se encontra alterado - se é que apenas um componente está alterado? Seria o componente sintático, como sugere a maioria dos autores? Ou seria o componente fonológico (Kean, 1979)? Há ainda a hipótese de uma dificuldade de acesso ao léxico gramatical (Bradley, 1983).

. Os déficits observados (mesmo se considerarmos apenas a produção) são estáveis e constantes qualquer que seja a tarefa proposta ao paciente ou é possível observar uma variabilidade significativa entre as tarefas importantes? Se há variabilidade, como podemos interpretá-la?

. Como abordar a questão da diferença existente na semiologia afásica “oficial” entre agramatismo - característica dos afásicos de Broca (que os leva a omitir um bom número de palavras gramaticais) e o paragramatismo - característica dos afásicos de Wernicke (levando-os a trocar as palavras gramaticais entre si?).

. Como diferenciar, no “comportamento verbal do paciente com agramatismo” os efeitos diretos do déficit subjacente e os efeitos da eventual entrada em jogo de estratégias adaptativas, às vezes a tal ponto de se ter um quadro clínico de evolução?

Com os trabalhos realizados a partir de 1985, principalmente como consequência do aumento do número de línguas estudadas e de relatos de estudos de casos, uma outra questão passou a fazer parte dos estudos do agramatismo: a variação individual observada na análise dos dados, tanto no padrão de co-ocorrência de sintomas quanto no padrão de realização ou emissão de palavras funcionais e morfemas flexionais, o que levou pesquisadores como Miceli et al. (1989) a afirmarem que o agramatismo não pode ser tomado como uma categoria relevante para o estudo de processos mentais:

*“Descrevemos o padrão de omissões (e substituições) de morfemas gramaticais livres e os padrões de substituições de morfemas gramaticais presos em 20 pacientes chamados agramáticos. Uma variação extrema foi observada nos padrões de omissões e substituições dos morfemas gramaticais, tanto em termos de distribuição de erros para morfemas gramaticais diferentes como também em termos de distribuição de omissões versus substituições. Os resultados são discutidos no contexto dos atuais debates sobre a possibilidade de uma distinção teoricamente motivada entre as categorias clínicas de agramatismo e paragramatismo e, mais geralmente, sobre a utilidade teórica de qualquer categoria clínica. A conclusão tirada é a de que a heterogeneidade observada na produção de morfemas gramaticais entre os pacientes agramáticos torna a categoria clínica do agramatismo e, por extensão, todas as outras categorias clínicas classicamente definidas (e.g. afasia de Broca, afasia de Wernicke, etc.) e mesmo as categorias classificadas mais recentemente (e.g. dislexia superficial, dislexia profunda, etc.) sem importância teórica”.*

Em outro estudo, de Badecker & Caramazza (1985), os autores argumentam que a variação dentro de uma categoria clínica leva a concluir que:

*“a categoria clínica do agramatismo não pode servir como base para afirmações teóricas sobre a natureza dos processos normais de linguagem, nem para argumentar sobre a natureza dos mecanismos de linguagem que estão possivelmente prejudicados nos chamados agramáticos”*

O que muito me incomoda na literatura é ainda não ter encontrado um trabalho que tenha procurado responder a estas questões, como se não fossem importantes. O estudo que realizo no momento envolve, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica justamente para tentar compreender se estas afirmações tiveram algum tipo de impacto nas teorias e na metodologia que tratam do agramatismo. Procuo demonstrar também que as variações observadas podem ser compreendidas quando incorporamos outras variáveis no estudo de distúrbios afásicos, como veremos mais adiante, as quais não são consideradas em estudos quantitativos de fenômenos linguísticos, postura teórica que deriva de uma certa concepção de linguagem.

### **III. A METODOLOGIA: ESTUDOS QUANTITATIVOS X ESTUDOS QUALITATIVOS**

Uma questão que levanto em relação ao trabalho de Miceli et al. (1989) diz respeito ao número de sujeitos “chamados agramáticos” que foram por eles “testados” em um estudo quantitativo. Quais teriam sido os critérios para a classificação? Não estariam os autores agrupando sob uma mesma classificação fenômenos diferentes? Afinal, se mantemos os critérios que definem o que seria um sujeito “agramático”, critérios com os quais a maioria dos pesquisadores concorda, concluiremos que não se trata de um fenômeno comum. Em minha pesquisa atual procuro mostrar que algumas falas de sujeitos com afasias motoras, não agramáticas, apresentam características semelhantes, às vezes idênticas, às descritas na literatura como agramáticas. Se esses sujeitos fossem testados em apenas uma sessão, ou classificados de acordo com algumas de suas produções, acredito que uma variação muito grande poderia ser observada. É nesse sentido que afirmo que a metodologia, principalmente a preocupação com a quantificação dos resultados, tem dificultado a compreensão de muitas categorias clínicas, dentre elas o agramatismo.

Na literatura neuropsicológica raramente os autores questionam a metodologia utilizada nos estudos. Uma exceção é o trabalho de Kolk et al. (1982), sobre a questão do paralelismo entre produção e compreensão, que problematiza os testes de compreensão existentes na área.

Há trabalhos como o de Nespoulous & Dordain, já citado acima, que apresentam estudos de casos. Os autores procuram justificar a presença apenas de análises qualitativas neste estudo, pois a análise estatística ainda não havia sido concluída. Eles

aplicam ao paciente M. Clermont, que consideram um agramático prototípico, um teste de linguagem (Teste de Blanche Ducarne), que resulta no seguinte quadro descritivo:

- . supressão completa de fala
- . compreensão oral e escrita normal (segundo os autores, o paciente não apresentou, em momento algum, dificuldade para compreender, qualquer que fosse o nível de complexidade apresentado nos testes)
- . escrita impossível

Quinze dias após o acidente vascular cerebral, M. Clermont produzia algumas palavras no contexto de automatismos verbais, mas no geral se limitava a uma estereotipia (/ke.ke.ke./). Conseguia escrever algumas palavras com a mão esquerda. Em alguns meses ele evoluiu para um quadro de afasia de Broca prototípico com:

- . redução quantitativa de emissões (output) verbais
- . dificuldades árticas manifestas
- . agramatismo

Os autores citam o seguinte dado de M. Clermont:

INV: “O que aconteceu com o Senhor?”

M. Clermont: “Bruscamente.paralis/ fala.perda de fala .clínica.doutor Fontmaure”

INV: “O senhor sempre fuma tanto?”

M. Clermont: “Não. Reduz/.12.dias.mais ou menos”.

INV: “Ao sair, onde o Senhor foi?”

M.Clermont: “Hospital Montluçon.2 dias.8 dias sem andar”.

Com base neste dado os autores afirmam que não há dificuldade de compreensão oral e nem com o acesso aos lexemas (i.e. não apresentava anomia). A meu ver, entretanto, este dado não pode ser tido como suficiente para tal afirmação. Apresentam também algumas análises obtidas de tarefas de nomeação, repetição, leitura, exame do discurso narrativo oral, etc.

Uma das conclusões dos autores seria a de que a redução na complexidade de estruturas sintáticas que o paciente produz (na narrativa oral, por exemplo) seria interpretada como uma estratégia de adaptação: *“o paciente evitaria produzir estruturas complexas, não tanto porque estas últimas são complexas mas porque elas contêm muitas palavras gramaticais!”* - hipótese também compartilhada por Kolk (1982). Esta observação, segundo os autores, não é incompatível com a interpretação dada pelo próprio M. Clermont a respeito de suas dificuldades. Em uma nota de rodapé, os autores salientam que o discurso de M. Clermont, que cito logo a seguir, foi “corrigido” para tornar a leitura mais fácil”!

*“Eu sei muito bem o que eu quero dizer. Eu encontro facilmente as palavras de que necessito. Eu sei como construir minhas frases, mas cada vez que tenho que produzir uma palavra gramatical, mesmo que eu saiba muito bem tratar-se de uma preposição ou de artigo, muitas palavras destas categorias vem a minha mente e eu não sei verdadeiramente qual escolher”.*

Em primeiro lugar critico esta “boa intenção” dos autores de “corrigir” a fala de M. Clermont para tornar a leitura mais fácil. Eu gostaria muito de saber “como” isso foi dito pelo sujeito. Há uma tendência na literatura neuropsicológica ao que chamamos de “higienização dos dados”<sup>2</sup>. Além de descartar das análises todos os fragmentos, hesitações, pausas, etc. passa-se também a “corrigir” a produção do sujeito afásico. Qual o sentido de “tornar a leitura mais fácil?” Qual é o leitor que os autores imaginam para este texto?

Em segundo lugar, penso que se o paciente reduz sua produção simplesmente como uma estratégia de adaptação, por causa de suas dificuldades com as “palavras gramaticais”, este não seria um caso “prototípico” de agramatismo, tal qual descrito na literatura (diferente do sujeito P, como veremos adiante). Poderíamos talvez classificá-lo como um caso de “agramatismo leve”, se considerarmos uma análise em termos de “graus de severidade”.

#### IV. ESTUDOS LONGITUDINAIS REALIZADOS COM P

Os estudos longitudinais de casos têm sido realizados com maior frequência na literatura afasiológica, atualmente. Este tipo de estudo permite observar as mudanças que ocorrem desde o início do quadro, e possibilitam compreender melhor os “processos” envolvidos. O fato de ser “longitudinal”, entretanto, não garante que as análises sejam “qualitativas” nestes estudos. A maioria ainda acaba fazendo uma **descrição** dos fenômenos afásicos, geralmente apontando para a porcentagem de erros ou do que “falta” na produção de um sujeito. Muitas vezes os testes padrão orientam não só os diagnósticos mas também os procedimentos terapêuticos.

O sujeito P, hoje com 61 anos, funcionário público aposentado, solteiro, afásico em consequência de um AVC, têm sido acompanhado desde 1983, inicialmente por Coudry<sup>3</sup> e posteriormente por outros pesquisadores da área de Neurolinguística do IEL/UNICAMP<sup>4</sup>, em três estudos longitudinais, totalizando aproximadamente 14 anos de acompanhamento, o que lhe atribui características peculiares e uma rara oportunidade de análise de um “processo de reconstrução” de sua linguagem, de reelaboração de suas dificuldades, o que nos levou a uma maior reflexão a respeito das hipóteses e modelos propostos para a sua compreensão.

Já em 1988, Coudry apontava para a necessidade do acompanhamento longitudinal que envolvesse situações dialógicas entre o investigador e o sujeito, “*com o objetivo principal de estabelecer condições para a emergência de diálogos e narrativas espontâneos, sem a artificialidade dos testes-padrão e dos procedimentos terapêuticos que visam somente a suprir faltas, evidenciadas nesses testes*”. Segundo a autora, no

---

<sup>2</sup> Coudry, M. I. H. (1988) chama a atenção para a importância das hesitações, fragmentos, pausas, que revelam as atividades epilinguísticas dos sujeitos na reelaboração de suas dificuldades.

<sup>3</sup> Os dados de P constam da tese de Doutorado de Coudry, M. I. H. e foram publicados em 1988 no livro *Diário de Narciso*, Ed. Martins Fontes, São Paulo.

<sup>4</sup>Minha dissertação de Mestrado - já citada na Nota 1, em 1992; o trabalho de Gregolin-Guindaste “O agramatismo: Um estudo de caso em português” (1995) e artigos.

acompanhamento anterior, com fonoaudiólogo, **P** foi submetido a testes-padrão e a exercícios de “recuperação” da linguagem. Nestes procedimentos, como já foi dito, está implícita a idéia de que o sujeito deverá “reaprender” o que lhe falta. Trabalha-se em cima do “déficit” e não nos recursos lingüísticos que estão preservados.

O tipo de interação entre o sujeito afásico e seu interlocutor é fundamental para o processo de reelaboração de suas dificuldades. Em uma análise quantitativa, em sessões de testes-padrão, escapa ao investigador esta possibilidade de reestruturação. Cito, a este respeito, o que diz Coudry:

*“(.) Tal reelaboração não é o resultado de uma atividade exclusiva do sujeito (como não o é no processo de aquisição de linguagem) mas de uma construção conjunta resultante da interação entre mim, outro investigador e ele”.*

Quando acreditamos que são as situações dialógicas que possibilitam a construção conjunta, a reelaboração das dificuldades dos sujeitos afásicos, torna-se difícil, quase impossível, ter uma conduta passiva frente aos testes-padrão. Mesmo acreditando que estes possam servir para uma melhor compreensão em termos dos níveis lingüísticos mais envolvidos, para análise de graus de severidade, etc. a postura do investigador é necessariamente diferente.

Em 1990, em um curso de Neurolingüística<sup>5</sup>, surgiu a idéia de adaptarmos para o Português um teste de julgamento de gramaticalidade, de Linneberger et al. (1983). Este teste tem sido utilizado pelos pesquisadores que questionam a natureza do agramatismo como um déficit central. Seu objetivo é o de verificar se pacientes agramáticos demonstram sensibilidade às estruturas gramaticais.

Logo no início deparei-me com a questão das diferenças estruturais entre o Português e o Inglês, mas procurei manter os procedimentos metodológicos das autoras na adaptação do teste, que é originalmente composto de 451 sentenças, das quais 221 são agramaticais, divididas em 10 tipos de violações de regras sintáticas e misturadas em dois formulários, aplicadas em quatro sessões. Estas sentenças foram gravadas por uma das autoras e cada uma delas lida duas vezes, vagarosamente, com entonação normal. As sentenças agramaticais também eram lidas como se fossem sentenças gramaticais. O examinador que controlava o gravador não tinha acesso direto ao paciente e não tinha acesso às suas respostas. Um outro examinador, sentado em frente ao paciente anotava suas respostas, sem ter acesso às sentenças apresentadas. O paciente respondia às questões apontando para cartões - um apresentava a palavra “good” junto com uma “carinha” alegre e outro apresentava a palavra “bad” com uma expressão triste.

Estas autoras apresentam uma quantificação para os resultados de 4 pacientes que responderam, segundo elas, rapidamente e, na maioria das vezes, logo na primeira apresentação da sentença. As próprias autoras justificam o fato de serem apenas quatro

---

<sup>5</sup> No curso de Neurolingüística I, ministrado pelo Prof. Dr. Edson Françoso e pela Profa. Dra. Maria Irma H. Coudry, após leitura do texto de Linneberger et al. (1983), o Dr. Benito P. Damasceno, neuropsicólogo, professor da Faculdade de C. Médicas da Unicamp sugeriu que o teste fosse adaptado ao Português para ser aplicado a sujeitos afásicos e portadores de síndromes demenciais para verificar a capacidade de julgamento gramatical e raciocínio lógico.

pacientes testados, em função da dificuldade de se encontrar pacientes com “agramatismo puro”.

Logo de início concluí que esta “receita” de procedimentos metodológicos se confrontava diretamente com os princípios que norteiam o trabalho realizado dentro de uma concepção de linguagem que “constitui” o sujeito (Franchi, 1977). Eu não consegui aceitar a idéia de observar P conversando com um gravador e apontando para as carinhas nos cartões. Em primeiro lugar porque pude constatar que ele fazia um julgamento de valor, do tipo “esta idéia é boa” ou “esta idéia é ruim” e não um julgamento de gramaticalidade. Entretanto, só pude perceber isso porque assumi um lugar de “interlocutora”, e passei a questionar as respostas de P. Se tivesse me limitado a anotar suas respostas, “certas” ou “erradas”, talvez não tivesse percebido que ele não estava compreendendo a tarefa metalinguística. Passo a citar alguns exemplos que evidenciam a observação acima:

1) INV: “A carta estava cheia de erros” (sentença gramatical, bem formada)

P: “Ruim”

INV: “Por que está ruim?”

P: “Carta, erros, não pode, né?”

2) INV: “O piloto parecia o passageiro estar cansado” (agramatical - violação de sentenças com elementos “vazios”)

P: “Ruim”

INV: “E por que esta é ruim?”

P: “passageiro pode, né? Piloto não pode.”

Parece-me que, ao mesmo tempo que este tipo de estratégia permite a observação de que P não está julgando gramaticalidade, evidencia uma operação linguística de processamento de informações, que consiste em associar as palavras de conteúdo apresentadas, que são exatamente as mesmas contidas em suas próprias explicações. No exemplo 1, “carta” e “erros” e no exemplo 2, “passageiro”, “piloto” e “cansado”, embora este último esteja implícito na semântica do verbo “pode”.

Poderia se criticar o fato de que estas sentenças são passivas de um julgamento de valor, o que as autoras do teste tentaram evitar, desde o início. Entretanto, elas mesmas apresentam no teste original a sentença “The paper was full mistakes”.

Os pressupostos iniciais das autoras, que por isso querem evitar a geração de sentenças com juízo de valor”, tem como dogma a “autonomia da sintaxe”. Nas teorias “modularistas” da mente, a sintaxe seria um componente autônomo”, passível, portanto, de ser afetado isoladamente, o que geraria o agramatismo. O teste deveria dar conta de avaliar se a “competência sintática” estaria preservada ou não, sendo que a análise não poderia envolver o componente semântico. Isto seria possível? A sintaxe não teria “interfaces” com os demais níveis? Estas interfaces podem ser “dissociadas” durante o processamento linguístico? A aplicação deste teste ao sujeito P, agramático, parece apontar para uma direção oposta.

O teste foi também aplicado ao sujeito EF, não agramático, que acertou praticamente todas as sentenças - errou apenas duas. Poderíamos, então, concluir que EF tem preservado seu conhecimento sintático, ao contrário de P? Entendo que não. A dificuldade de P para lidar com certas tarefas metalinguísticas pode estar relacionada à compreensão da própria atividade proposta. Mesmo tendo explicado a P por diversas vezes sobre os objetivos do teste ele persistia fazendo juízos de valor.

Os resultados que obtive na aplicação deste teste foram importantes, a meu ver, por dois motivos: primeiramente mostrou que o fato de se trabalhar com um teste padrão e de obedecer a um rigor metodológico não garante que seus objetivos estejam sendo atingidos - avaliar, neste caso, julgamento de regras gramaticais. Mostrou também, como já foi apontado, que os processos dialógicos revelam mais a respeito do funcionamento da linguagem e podem servir de base para a reelaboração das dificuldades dos afásicos.

Uma prova disso é a comparação entre os dados de produções espontâneas de P, sendo o primeiro de 1986 e o segundo de 1996:

1) [Coudry (1988: p. 125) conversa com P a respeito de programas de televisão que mostram desfiles de escola]

INV: O que elas estão fazendo?

P: Sambanho, samban.[...] como é que chama?

INV: Samban.(prompting para “sambando”)

P: Sambanha, sambanhas, sambanhas.

INV: Samband.(extensão do prompting anterior)

P: Sambando.

2) [Coudry pergunta a P sobre o final de semana]

P: “Olavo, Ordália e eu fomos lá no shopping comprar um presente”

3) [Durante reunião do CCA em 27/08/97, mostrando seus recortes de jornal, querendo explicar que as legendas das fotos tinham saído trocadas]

P: “Eu comprei jornal do Diário do Povo e vi negócio assim.(.) “São dois, né, três.agora, trocou o negócio”

O sujeito P não deixou de ser agramático. Entretanto, estes exemplos mostram que mudanças significativas ocorreram em sua produção. Podemos prever que se P não tivesse tido um acompanhamento como teve, que propiciou o desenvolvimento de outros recursos expressivos e a reconstrução de suas dificuldades em conjunto com seus interlocutores, certamente ainda teria um agramatismo grave, como no início de quadro.

As teorias sobre agramatismo não dariam conta desta variação nos enunciados de P. Há dados que podem perfeitamente ilustrar as descrições clássicas - como o exemplo 1 - que evidencia a dificuldade na seleção de flexões verbais e outros - como o exemplo 2 - sem problema algum, que poderia ilustrar as teorias que afirmam que falar

agramaticamente ou telegraficamente seria uma estratégia adaptativa do paciente para não prejudicar a comunicação. Sabemos que não é tão simples assim.

## V. REFLEXÕES SOBRE A NATUREZA DA LINGUAGEM E SOBRE O SEU PROCESSAMENTO

Ao refletir sobre o quadro teórico que fundamenta sua prática, bem como sobre a aplicação direta de teorias lingüísticas como o estruturalismo saussureano ou o gerativismo de Chomsky, Coudry faz um passeio pela história da Lingüística, e explicita sua opção por uma concepção de linguagem orientada discursivamente, uma linguagem que é constitutiva do sujeito, social e historicamente construída e cuja natureza é indeterminada. Uma de suas referências principais é o trabalho de Franchi, (1976).

Por sua natureza dialógica, que pressupõe sempre o “outro”, podemos afirmar que nas patologias quanto maior a gravidade do distúrbio mais o processamento da linguagem depende da fala do outro.

Alguns conceitos propostos por Bakhtin nos ajudam a pensar sobre o processamento normal da linguagem. Bakhtin criticou o objetivismo abstrato de Saussure, porque “para ele, essa objetividade só poderia existir em relação à consciência. Indagando qual o verdadeiro núcleo da realidade lingüística: o ato individual da fala (enunciação) ou o sistema da língua, Bakhtin afirmou que o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada mas na nova significação que essa forma adquire no contexto”. (Freitas, 1995)

Para Bakhtin não existem enunciados fora de contextos. Freitas assim resume a concepção de Bakhtin com respeito a um de seus conceitos básicos - o de “enunciado”:

*“o enunciado se produz num contexto que é sempre social, entre duas pessoas socialmente organizadas, não sendo necessária a presença atual do interlocutor, mas pressupondo-se a sua existência. O ouvinte ou leitor é assim um outro - presença individual ou imagem ideal de uma audiência imaginária. Assim, todo enunciado é um diálogo, desde a comunicação de viva voz entre duas pessoas, até as interações mais amplas entre enunciados. O que importa é que é uma relação entre pessoas”.*

Em seu ensaio “O problema dos gêneros discursivos”, Bakhtin diz que

*“como unidades de língua, sentença e palavra não têm autor, não pertencem a nada. Somente dentro de um enunciado completo chegam a ser a expressão de uma postura individual do falante em uma situação concreta de comunicação discursiva”.*

No caso das patologias, como já foi dito, talvez haja uma maior dependência do sujeito com relação ao seu interlocutor. Talvez não baste a “imagem ideal”. A fala do interlocutor passa a ter um papel ainda mais organizador, re-estruturante para os afásicos.

Coudry (1988) aponta para diversos momentos nos quais P elabora seus enunciados servindo-se dos enunciados de seu interlocutor. A autora compara estes

recursos aos processos de especularidade e/ou de complementaridade na aquisição da linguagem, segundo a teoria sócio-interacionista.

Estes processos parecem ocorrer, com maior ou menor frequência, dependendo do grau de severidade de cada caso. Um dado muito interessante, extraído de uma sessão do CCA<sup>6</sup> recentemente (27 de agosto de 1997), revela a necessidade do afásico de retomar o discurso do seu “interlocutor” para elaborar seu próprio discurso: o sujeito SP quer fazer um comentário, logo após a fala de uma das investigadoras - EM. Tenta por várias vezes e faz um gesto com a mão, próximo à boca - um movimento giratório - como o de um “saca-rolhas, como se quisesse puxar as palavras que não saíam. Neste momento, ele olha para EM e pede a ela que repita o que tinha dito, para que ele pudesse então fazer seu comentário.

No atual estágio de minha pesquisa seria ainda prematuro tentar correlacionar diretamente as observações sobre os fenômenos afásicos ao processamento normal da linguagem. Algumas facetas deste processamento, entretanto, vão se revelando à medida que compreendemos melhor os dados das patologias.

O que poderemos aceitar como modelo de processamento normal de linguagem depende, basicamente, do que entendemos por linguagem. Se a concebemos como código, apenas, podemos adotar uma explicação modular da mente. Há atualmente modelos que até prevêem um componente “pragmático” para dar conta do papel dos contextos na produção lingüística. A questão das variações, neste modelo, é resolvida com a divisão dos módulos em sub-componentes e assim sucessivamente, o que acaba tornando alguns modelos até mesmo paradoxais - o que tudo explica, nada explica.

Para compreender o processamento normal, além de uma concepção de linguagem, precisamos ter ainda um conceito de “cérebro” e de “mente” que sejam compatíveis. Mecacci (1984) afirma que

*“há duas dimensões da historicidade do cérebro humano. A primeira é de longa duração e se manifesta nas transformações que as funções cerebrais superiores, a mente, sofreram através dos séculos da história humana. A segunda concerne às diferenças entre indivíduos de uma mesma época”.*

E, quanto a linguagem, mais especificamente, ele afirma que:

*“Falar, ler e escrever são processos que requerem uma organização cerebral, mas esta pode seguir caminhos diferentes, ainda que alguns desses sejam mais comuns que os demais. O conceito fundamental a ser introduzido no estudo do cérebro humano é a variável individual. (.) Se o cérebro de um homem, de um ponto de vista estritamente genético, pode ser considerado fora da história individual e da sociedade, a partir do momento em que fala ou produz outras funções psíquicas ele se torna tão somente aquilo que a sua história individual e a sociedade em que age lhe permitem. Esse cérebro pode não falar uma língua universal, mas um dialeto ou uma língua culta, pode ser monoglota ou poliglota, mas será, de uma maneira ou de outra, marcado pela sua determinação individual e social”.*

---

<sup>6</sup> CCA - Centro de Convivência de Afásicos - que funciona no IEL/UNICAMP

Mecacci critica a ciência que nos apresenta como modelo um “cérebro médio”, que desconsidera variações individuais, assim como criticamos a lingüística que postula o “falante ideal”, que toma como objeto de estudo a “língua” no sentido saussureano do termo.

Enfim, abandonar o estudo das categorias clínicas, ou afirmar que não servem para que através delas possamos inferir sobre o processamento normal, como consequência das variações individuais encontradas, como vimos no início deste texto, seria uma postura semelhante à de se excluir o “sujeito” e todas as suas marcas do estudo da linguagem. À luz de modelos neuropsicológicos e lingüísticos que incorporem as variáveis individuais e históricas, as variações não podem se constituir como barreiras ao estudo do processamento normal. Como já foi dito no início deste trabalho, parte destas variações podem ser derivadas da utilização de uma metodologia inadequada - muitos autores estão classificando como “agramáticos” sujeitos com outras dificuldades sintáticas ou ainda os que apresentam uma fala telegráfica. Temos também, evidentemente, que considerar as variações lingüísticas, dialetais principalmente, quando tratamos de padrões de omissão ou substituição de flexões verbais, por exemplo. Finalmente, talvez tenhamos que considerar, como sugere Mecacci, as diferenças na organização funcional do cérebro de cada indivíduo :

*“Para pesquisar a variedade da organização funcional do cérebro humano, não podemos basear-nos tão somente nos relatórios de especialistas em ciências neurológicas e em psicologia. Essas ciências tendem a anular as diferenças, pretendem construir um cérebro e uma mente universais. (.) Se ao lado dos dados científicos colocarmos os dados da história do homem e nos perguntarmos como o cérebro guiou-o no domínio da natureza e na construção das sociedades, parecer-nos-á improvável que essa máquina tenha sido montada e posta em movimento de uma vez por todas, que ela nunca tenha modificado seu modo de funcionar, que funcione da mesma maneira em todos os seus indivíduos”*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADECKER, W. & CARAMAZZA, A. (1985) On consideration of method and theory governing the use of clinical categories in Neurolinguistics and cognitive neuropsychology: The case against agrammatism. In: **Cognition**, 20, 97-125.
- BERNDT, R. & CARAMAZZA, A. (1980) A redefinition of Broca's Aphasia: Implications for a neuropsychological model of Language. In: **Applied Psycholinguistics**, 1, P. 225-278
- CAPLAN, D. (1985) Syntact and Semantic Structures in Agrammatism. In: Kean, M.L. (1985). **Agrammatism**. Academic Press: New York.

- CARAMAZZA, A & BERNDT, R. (1985) A Multicomponent Deficit View of Agrammatic Broca's Aphasia. In: Kean, M.(1985). **Agrammatism**. Academic Press: New York-
- COUDRY, M. I. H. (1988) **Diário de Narciso - Discurso e Afasia**. São Paulo: Martins Fontes.
- FRANCHI, C. (1976). **Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem**. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas. SP.
- FREITAS, M. T. A. (1995) **Vygotsky & Bakhtin - Psicologia e Educação: Um Intertexto**. São Paulo: EDUFJF/Ática.
- GERALDI, J. W. (1990) **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes.
- GOODGLASS, H. (1976) Agrammatism. In: H. Whitaker & H. A. Whitaker (Eds.) **Studies in neurolinguistics (Vol. 1)** New York: Academic Press.
- GRODZINSKY, Y. (1982) **Syntactic representations in Agrammatism: Evidence from Hebrew**. Paper presented at the Academy of Aphasia. Lake Mohonk, N.Y.
- \_\_\_\_\_. (1984) The syntactic characterization of Agrammatism. In: **Cognition**, **16**, p. 99-120.
- GUINDASTE, R. M. G. (1995 ) **O agramatismo: um estudo de caso em Português**. Tese de Doutorado, IEL/UNICAMP.
- HEESCHEN, C. (1985) Agrammatism versus Paragrammatism: A Fictitious Opposition. In: Kean, M. L. (1985). **Agrammatism**. New York: Academic Press.
- JAKOBSON, R. (1956). Two Aspects of language and two types of aphasic disturbances. In: R. Jakobson & M. Halle (Eds.), **Fundamentals of Language**. The Hague: Mouton
- KEAN, M. L. (1985) **Agrammatism**. New York: Academic Press.
- KOLK, H. J. et al. (1982). **On parallelism in Agrammatism: a case study**. Unpublished manuscript, Catholic University: Nijmegen.
- \_\_\_\_\_. (1985) On parallelism between Production and Comprehension in Agrammatism. In: Kean, M. (1985). **Agrammatism**. New York: Academic Press.
- LINEBARGER, M. SCHWARTZ, M. & SAFFRAN, E. (1983) Sensitivity to grammatical structure in so-called agrammatic aphasics. In: **Cognition**, **13**, p. 361-392.
- MECCACI, L. (1984) **Conhecendo o Cérebro**. Nobel: Instituto Italiano di Cultura di São Paulo. São Paulo.
- MENN & OBLER (1990) **Agrammatism: A cross-language study**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V.
- MICELI, G. et al. (1989) Variation in the Pattern of Omissions and Substitutions of Grammatical Morphemes in the Spontaneous Speech of So-Called Agrammatic Patients. In: **Brain and Language**, **36**, pag. 447-492 Academic Press.
- POSSENTI, S. (1988). **Discurso, Estilo e Subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes.